



## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COTIDIANAS: SILENCIAMENTOS E DISCIPLINA DOS CORPOS

Laila Zorkot<sup>1</sup>  
Fabio Pinto Gonçalves dos Reis<sup>2</sup>

### Resumo

Esse trabalho teve como propósito refletir acerca do tema sexualidades e gênero nas pré-escolas da rede pública de uma cidade do centro-oeste mineiro. Objetivou mapear práticas e representações das professoras e possíveis tensionamentos surgidos a partir das ações de cuidado e educação nesse campo educativo. O percurso metodológico se deu a partir de uma revisão bibliográfica seguida da pesquisa de campo por meio de entrevistas com professoras da pré-escola. O estudo evidenciou emergência de discussões dessa natureza na formação de professores/as. Vislumbrou ainda, uma atuação/relação promotora de desconstruções/desnaturalizações acerca das relações de gênero e sexualidades por parte daqueles/as que cuidam e educam a criança pequena.

**Palavras-chave:** Criança; Gênero; Sexualidades.

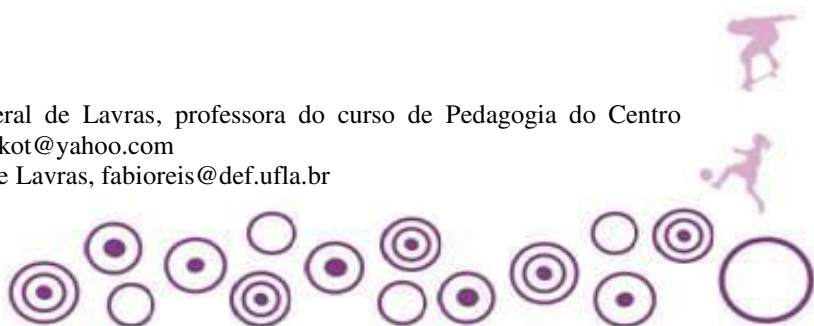
### Introdução


Esse texto tem como objetivo discutir a temática das sexualidades e das relações de gênero na Educação Infantil e a forma pelas quais se expressam nas narrativas dos diversos sujeitos sociais envolvidos nesse processo. Tal interesse originou-se da percepção das dificuldades relativas à efetivação da educação para as sexualidades no cotidiano dessas instituições.

A partir da naturalização dos papéis sociais e atributos de gênero inerentes às práticas pedagógicas que transitam nesse espaço educativo é que os questionamentos que subsidiaram esse trabalho foram surgindo, a saber: 1) como discutir sexualidades e gênero no cotidiano da Educação Infantil? 2) quais as práticas e discursos ancoram o trabalho de professoras/es diante das manifestações de sexualidades e de gênero durante as atividades? 3) quais discursos (re)produzem as crianças pequenas? Dessa forma, problematizar os saberes dos/as educadoras/es com vistas a (des)construir/(des)naturalizar discursos frente à educação e cuidado da criança pequena adquiriram o eixo central da pesquisa aqui apresentada.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Formiga, UNIFOR/MG, lailazorkot@yahoo.com

<sup>2</sup> Professor adjunto IV na Universidade Federal de Lavras, fabioreis@def.ufla.br





A princípio, a pesquisa teve caráter de revisão bibliográfica a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais. Em segundo plano, o trabalho também foi construído por meio de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e descritiva, haja vista que entrevistamos professoras atuantes na Educação Infantil de um município situado no centro-oeste de Minas Gerais.

A partir de então, a apreciação e análise das narrativas das professoras (no caso da pesquisa somente com mulheres) articuladas às teorizações buscaram entrecruzar conceitos e saberes, explorando significados e concepções sobre gênero e sexualidades que, indiscutivelmente, marcam presença em seus discursos e, por consequência, nas formas como educam as crianças.

Ao transitarmos pela temática de gênero e sexualidades no que se refere à educação da criança pequena, identificamos debates subsidiados a partir do olhar igualitário e do respeito às distintas identidades e refutações aos padrões normatizados socialmente. Desenvolvemos essa pesquisa no sentido de defender que o contexto da Educação Infantil solicita práticas e representações que problematizem a diversidade de gênero, desestabilizem o sexismo e a heteronormatividade, enquanto culturas (im)postas socialmente. O desafio é enorme, mas é o que pretendemos fazer (mesmo com os limites desse texto) na próxima secção.

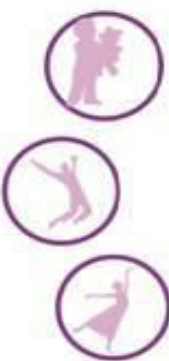
### **Saberes sobre gênero e sexualidades: as narrativas das professoras que cuidam e educam a criança pequena**

Por se concretizar de forma espontânea, a sexualidade da criança legitima suas características enquanto sujeito curioso e desejoso por desvelar o velado. Para tanto, se considerarmos que as sexualidades constituem os sujeitos, não há como negar a sua inclusão no campo do saber da criança pequena.

Louro (1997), Camargo e Ribeiro (1999) ao debruçarem seus estudos sobre gênero e sexualidades na Educação Infantil, constroem teorizações que trazem contribuições para o/a educador/a de crianças pequenas e, conseqüentemente, para a prática pedagógica e formação de professores/as de uma forma geral.

Caminhando nessa direção, Louro (1997) nos provoca ao afirmar que “a escola se incumbiu de separar os sujeitos [...] dividindo internamente os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização”(p. 57). A narrativa de uma das professoras pesquisadas (P1) elucida a citação de Louro (1997) ao evidenciar que “antes, a gente trabalhava muito separado, né, menino, menina, menino não pode entrar na





*fila de menina, menino tem que ficar separado e tal*". Nessa perspectiva da fronteira de gênero, o discurso naturalizador de outra professora (P2) revela as formas como ela pensa o cuidar e o educar da criança pequena com base nas brincadeiras infantis: *"será que o interesse dele é só fazer uma brincadeirinha com a menina ou será que ele já tem esse interesse de brincar de boneca mesmo"*.

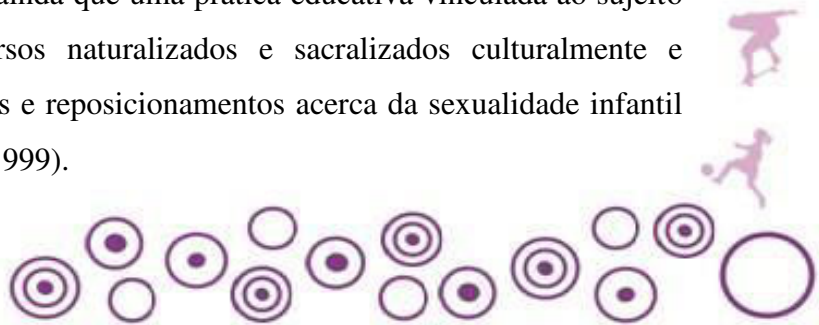
À escola coube cultivar padrões hegemônicos, separar meninos e meninas em espaços distintos, nutrir a produção das diferenças e contribuir para a "reprodução da divisão tradicional dos gêneros" (MISKOLCI, 2005, p. 9). À escola coube o controle, a classificação, o assujeitamento, a "uniformização de desejos" (ABRAMOWICZ; LEVCOVITZ, 2005, p. 56).


As narrativas prosseguem permitindo inferências acerca dos modos de fazer, pensar e produzir sujeitos acerca da temática gênero e sexualidades: *"[...]a gente trabalha a questão do esquema corporal com a criança. Existem crianças nessa fase que elas têm muito mais curiosidades de saber, porque você trabalha o corpo da criança. Mas ela quer conhecer além daquilo que você está mostrando. Um menino tem muita curiosidade querendo saber o que mais a menina tem. Aí quer entrar no banheiro, olhar debaixo da porta, se você deixa sozinha, quando você dá falta da criança, [...] de repente você pode encontrar o menino e a menina lá juntos.*

Ao olhar da professora é perceptível a curiosidade da criança, a visibilidade que ela dá ao corpo e ainda, quão descontente o menino se apresenta ao "aprender" o esquema corporal da forma como a professora "ensina". Descontentamento tamanho que faz o menino *querer saber o que mais ela (a menina) tem*. Desagrado suficiente para querer *entrar no banheiro (dela) e olhar debaixo da porta!*

Crianças se apercebem de seus corpos e os celebram com refinada curiosidade. Crianças festejam seus corpos como fonte de infinitas descobertas. Crianças se aventuram em "habitar os mistérios do mundo [...] e os jogos com o seu corpo escapam aos limites que os adultos tentam impor. E elas transgridem" (RIBEIRO, 2009, p. 65).

Os estudos de Louro (1997) acerca da sexualidade infantil alertam quanto ao vínculo existente entre as sexualidades e o ser humano, reafirmando que "a sexualidade está na escola porque faz parte dos sujeitos, não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir" (p. 81). Ela evidencia ainda que uma prática educativa vinculada ao sujeito na sua inteireza reflete "sobre discursos naturalizados e sacralizados culturalmente e impulsiona, dessa forma, novas reflexões e reposicionamentos acerca da sexualidade infantil no contexto das instituições" (LOURO, 1999).





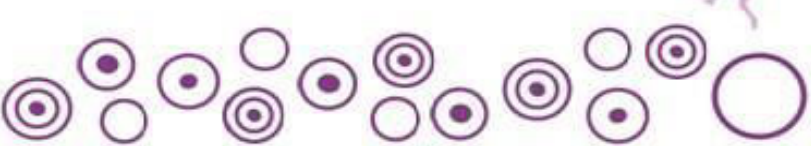
É nesse sentido que “as propostas para a Educação Infantil deveriam considerar que as crianças são seres sexuados que manifestam espontaneamente sua sexualidade e desenvolvem suas próprias teorias sexuais [...]” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 58). Como seres sexuados que são, às crianças reservamos o direito de explorar e conhecer o seu próprio corpo. Muito embora, algumas professoras não concebiam dessa forma, tal como narrado por mais uma docente entrevistada (P3): “[...] Já passei por situações assim: após uma atividade agitada eu trabalho com relaxamento, eu já encontrei crianças, quando tudo para, e ela está ali quieta com ela mesma e explora o corpo, em situações até de masturbação”.


O estranhamento da professora (P3) com relação à exploração do corpo pela criança é notório, o que a faz buscar por respostas em distintas fontes: “[...]um estudo com um psicólogo para falar com a gente sobre isso, colocou a situação como normal “você vai agir normal, porque isso acontece, a criança está descobrindo o corpo e tal”. Complementa que [...] “nesse momento a gente não deve alarmar, assustar a criança, porque ela está conhecendo e se você fizer isso vai “está” travando a criança, porque quando ela tiver adulta isso vai ser um ato proibido na vida dela, que isso vai acarretar várias outras coisas se você podar a criança”, o que a gente deve fazer?”.

Furlani (2009) nos auxilia nesse sentido, propondo que ações docentes frente às expressões da sexualidade devem assumir caráter natural diante da curiosidade infantil. Para a autora, “a descoberta corporal é expressão da sexualidade” devendo ser direcionada para o “educar para a positividade-consentimento” (FURLANI, 2009, p. 46), sendo, portanto imprescindível permitir e orientar a criança.

A professora (P3) expõe essa dificuldade de interação ao ressaltar que “na primeira vez, eu fiquei em choque, pra falar a verdade, porque uma criança tão pequena você não acredita que aquilo está acontecendo, mas eu procurei observar se realmente isso que estava acontecendo”. Inferimos que essa docente se vê incomodada diante do que faz a criança, reagindo com estranhamento à situação. Ao manifestar estar *em choque*, [...] porque era uma criança tão pequena, a professora parece paralisar-se no discurso do controle dos corpos, do tabu, disciplina. Ela se esquece “de que a sexualidade é uma dimensão da existência que não tem idade?” (RIBEIRO, 2009, p. 65), pois na sua ótica a sexualidade da criança tem idade como podemos perceber: “Quatro anos de idade! [...] cheguei mais perto da criança pra ver se eu inibia o ato. A situação foi me deixando sem saber o que fazer. Se eu dissesse para, poderia assustá-la, aí eu fui chegando mais perto, até que a criança parou.

No que tange à homoafetividade, P3, ao alertar que *se houver um trabalho desde pequeno, existe a possibilidade de voltar com a ajuda de um profissional. (...) porque eu creio*





*que alguns nascem com aquela tendência, outros não, evidencia um discurso que se dá no movimento das verdades aceitas socialmente, por meio de ações que produzem infâncias a partir de discursos reproduzidos.*

Nesse caso a P3, a partir do poder a ela atribuído, disciplina o corpo, controla atitudes, desaprova o toque, nega a sexualidade e impede a criança de “vivenciar prazeres e desejos” (RIBEIRO, 2009, p. 68). Sugerimos que ela reinvente o seu cotidiano no sentido de criar discussões que contribuam para a desconstrução de práticas e saberes inibidores de uma educação para as sexualidades. Recomendamos novas formas de se fazer e de problematizar. Além de problematizar, consentir! Consentir significa “orientar a criança e a/o jovem para que entendam e aprendam o local e o momento adequados para manifestar sua sexualidade” (FURLANI, 2009, p. 46). Qual local? “Lá, onde a polícia dos adultos não adivinha nem alcança”!<sup>3</sup>


Os comportamentos das crianças classificados como desviantes acabam por causar angústia na professora e na família, denunciando sobremaneira, a dificuldade em desconstruirmos preconceitos, tal como relatado pela P3: “[...] *Porque igual eu comento, você é omissa por não poder chamar um pai para questionar determinadas situações, porque o pai vai descabelar, vai te julgar e até querer te processar de uma coisa que não tem como você provar. (...) “Ah, eu me lembro de uma situação que um aluno meu quando brinca com massinha, ele coloca nos dedos como se fosse esmalte, coloca na orelha como se fosse brinco, coloca pano na cabeça como se fosse um cabelo comprido e eu conversei com a minha supervisora e ela disse que ele era assim desde o ano anterior. (...) Minha colega psicóloga disse que eu estava sendo omissa, porque a mãe deveria ser chamada e eu fiquei com medo porque que essa bomba iria estourar na minha mão? Eu não queria ser portadora dessas notícias para a mãe, aí eu me calei, por insegurança de não saber lidar com o assunto.*

Na narrativa, alguns sujeitos e elementos pra pensar: o menino, a professora, a mãe, a colega psicóloga e uma bomba na mão! “A estranheza deriva da exposição do que todos esperavam que se mantivesse oculto e restrito à vida privada [...]” (MISKOLCI, 2005, p. 08). O menino, que se esperava escondido, permite-se revelar e ultrapassar as fronteiras do privado tornando público o seu jeito de ser, agir e viver no mundo. O esmalte, o brinco, o cabelo comprido! Nesse cenário, “coisas do menino”. Outras identidades! Identidades que sugerem à professora alegar que *não queria ser portadora dessas notícias para a mãe. Aí eu me calei!* Diante do silenciamento, *uma bomba na mão*. A negação da família e o emudecimento das

---

<sup>3</sup> Frase de Drumond citada por Ribeiro (2009, p. 60).





instituições educacionais materializado nas ações de professores/as são indicativos de que as crianças estão subordinadas aos mandos dos/as adultos/as responsáveis por (des)educar seus corpos. Sujeitos que prescrevem verdades, sonegam direitos, recusam a curiosidade da criança.

As narrativas dessas professoras investigadas sinalizam a emergência de novos pensares. Outras práticas! Diferentes representações! Emergência em dinamizar os espaços e discursos de sujeitos que cuidam e educam a criança pequena, no sentido de permitir a liberdade dos corpos, de negar a sua subserviência, a sua hierarquização. Despadronizar saberes com relação a temática gênero e sexualidades. Descortinar possibilidades...!

### Considerações finais

Após apresentarmos as narrativas que anunciam as práticas e representações das professoras relacionadas às temáticas de gênero e sexualidades, constatamos um cotidiano que se vê absorvido por um “amontoado de discursos” reprodutores de padrões. É nesse sentido que Ribeiro (2008) nos convida a repensar os modelos padronizados e reivindicar o direito à diferença a partir das lutas de resistência no sentido de contestar a subserviência e a opressão advindas da “categorização, individualização, identificação e imposição de uma verdade” (p. 11).


Posto isso, o trabalho nas instituições de Educação Infantil deve guiar-se para uma interferência buscando transformar posturas, reformular valores, conhecimentos, desmistificar tabus e abolir a reprodução de concepções dominantes sobre as sexualidades e as questões de gênero.

Que os muros sejam atravessados. Que as vozes das professoras, do menino de brinco e unhas de massinhas coloridas, das instituições educativas e da família caminhem problematizando discursos sacralizados, duvidando das certezas, subvertendo as normas estabelecidas.

### Referências

- ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D. Tal infância, qual criança? In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R. (Org.). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça das diversidades na escola. Campinas: Papyrus, 2005.
- CAMARGO, A. M. F. de, RIBEIRO, C. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 1999.





FURLANI, J. Encarar o desafio da educação sexual na escola. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009. p. 37-48.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 15-35.

MISKOLCI, R. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, A; SILVÉRIO, V. R. (Org.). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. São Paulo: Papyrus, 2005.

RIBEIRO, C. M. Navegando pelo enigma da sexualidade da criança: “lá onde a polícia dos adultos não advinha nem alcança”. In: XAVIER FILHA, C. (Org.). **Educação para a sexualidade, para equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009. P. 51-82.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

